EVGEN BAVCAR

A Estética como utopia

Tradução: Vinícius Godoy

RESUMO
Este texto busca, na obra do filósofo Ernst Bloch, as aproximações que o filósofo elabora entre criação no campo da arte e utopia. Apresenta diversas categorias desenvolvidas por Bloch, sobretudo os três momentos que propõe para pensar o ato criativo: incubatio, inspiratio, explicatio.

PALAVRAS-CHAVE
Ernst Bloch, utopia, processos de criação.

A ESTÉTICA COMO UTOPIA

Quando encontrei pela primeira vez em Paris Carola Bloch, já então a viúva de Ernst Bloch, gostava de lhe fazer questões sobre a vida do grande filósofo.

Referindo-me à sua obra : "O espírito da utopia", e ao capítulo "a música, felicidade dos cegos"; lhe perguntei se Ernst havia realmente conhecido, encontrado os cegos. Ela ria e respondia a minha questão ingênua: "não, não, o título é expressionista". Foi assim que meu interesse por seu pensamento musical começou pela perspectiva expressionista.

Se referindo ainda ao mito de orfeu, ele pensa a partir de "O espírito da utopia", a música como forma de utopia. Em especial, mais especificamente na possibilidade da espacialização do som; elemento constitutivo da música. É necessário por conseguinte fechar os olhos para apreender o som profundo da música. A crer na consigna : "a música, aquilo ouve-se sobretudo".

Naturalmente para Bloch, a música torna-se uma forma de antologia; se exilando no espaço utópico aberto justamente pela espacialização e então pela dimensão corporal do som. Como nosso corpo, o som surge do volume, e já podemos ver nessa idéia a interpretação de seu materialismo e o papel concreto dos sentidos.

É interessante sublinhar que para Bloch, o sentido da verdade é o tocar. Contudo, os outros : audição, visão, etc; são considerados menos seguros e eficazes para apreender a materialidade concreta do mundo. Bloch permanecerá fiel através toda sua obra aos seus pensamentos expressionistas dos primeiros escritos até à obra "O laboratório do mundo"; onde recorda que a herança do expressionismo ainda não foi esgotada.

Dessa maneira, permanece fiel a sua idéia básica que consiste na defesa do sujeito ou até da subjetividade na arte como condição sine qua none da criação artística. E somente a partir desta constatação básica que podemos traçar algumas linhas de sua estética.

Sua interpretação das obras de arte do passado, não vem da idéia hegeliana da morte da arte como reflexo sensível da idéia; mas antes de um conteúdo ainda não acabado de sua obra.

Para explicar sua superação da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel; opõe-se ao narcisismo deste último em nome de sua espiral dialética; ou seja a nível do saber absoluto. Em sua obra "sujeito-objeto", Bloch supera o círculo vicioso da dialética hegeliana alargando-o com a categoria do "possível" e do "ainda não". Assim, a arte do

passado contém para Bloch uma latência qua não pôde ser terminada no seu tempo e testemunha-nos assim de um espaço utópico ainda não atingido.

Para explicar esse fenômeno das obras de arte, utiliza duas categorias : "a aparência" e a "pré-aparência". Graças a isso, ele pode interpretar o célebre quadro : "A ronda noturna" de Rembrandt como aparência, ou seja, a imagem de uma noite que vemos imediatamente. Ai estamos ainda em Hegel, para quem a coruja de Minerva, símbolo da sabedoria, só voa de noite.

Para opor ao seu mestre uma alternativa utópica, Bloch utiliza para interpretar este mesmo quadro, a categoria de "pré-aparência" ou "pré-aparição". Assim, vê na imagem da ronda noturna o anúncio da manhã; isto é um espaço utópico por detrás da percepção imediata, não refletida do quadro.

Para dar à imagem a dimensão utópica, ele se apropria também do conceito de "pré-imagem" (Vorbilt). A idéia de pré-imagem abre também espaço aos possíveis, isto é à dimensão não terminada e não acabada/finita da imagem.

Com este conceito, se afasta da tradição hegeliana da obra como algo de já terminado e morto e investe à arte de uma função anticipadora. Para Bloch, pensar significa transpor (überschreiben), o que significa que não se deve nunca limitar-se no momento do passado como lembrança imóvel; nem no momento presente de nosso vivido.

Podemos compreender sua idéia de espaço utópico no campo da arte com o conceito de futuro (futur). Para melhor apreender isso devemos confrontar este conceito com o porvir (avenir). A estética interpretativa tradicional sobre o fenômeno da arte só conhece o porvir (avenir) . Isso significa que tudo o que se acontece e tudo que esta por acontecer pertence ao mundo do já conhecido e previsto.

Em oposição a este positivismo, Bloch utiliza o conceito de futuro que representa a ruptura no percurso sempre igual a ele mesmo dando ao tempo utópico a dimensão de "ainda não", do que ainda não aconteceu et que permanece pela definição mesma imprevisível.

O futuro (futur) em relação ao porvir (avenir), representa o salto qualitativo em direção ao novo, ou seja a superação utópica do momento presente que no pensamento tradicional pertence sobretudo ao passado, para esquecer sua carga utópica que poderia tê-la conduzido para ao inédito.

Por esta razão, a estética de Bloch tenta interpretar as grandes obras do passado através da idéia de não-finalidade, não-realização para voltar a lhe dar uma nova atualidade.

Enfim, é possível compreender melhor a estética de Ernst Bloch através suas três etapas de criação, que ele tenta pensar nos seguintes termos : "incubatio, inspiratio, explicatio". A primeira etapa diz respeito ao estado latente, quando uma nova idéia chega, mas não pode ainda ser expressa. "Inspiratio" é o momento onde o sujeito já pode dizer a idéia que tinha sentido antes, somente sob a forma de um estado latente; ou seja, a gravidez da possibilidade de ser. "Inspiratio" é o parto difícil de uma idéia

nova, que exige elaboração, trabalho que Bloch expressa pela terceira etapa : "explicatio".

É interessante ressaltar que /esses três estados da criação não dizem respeito somente ao trabalho do artista, mas também do pensamento filosófico. Ele nos oferece estes conceitos falando de Descartes e do momento quando lhe veio a idéia do "cogito ergo sum" (penso logo existo). É muito importante ressaltar que os últimos escritos de Bloch, particularmente "Experimentum mundi", tentam pensar a filosofia mas também a arte como laboratório. Evidentemente não se trata de uma instalação técnica ou alquímica, mas sobretudo uma forma de processualidade do mundo e do homem.

Neste ponto preciso o sujeito como portador da utopia concreta, deve tentar capturar a latência ou conteúdo latente de seu mundo para poder ir além de seu tempo. A metáfora do laboratório é então uma forma de prática ("praxis") que reúne em si a utopia da natureza e (aquela) do espírito humano que sabe que o mundo ainda não é o que deveria ser.

A arte é portanto uma forma de experimentação sobre os possíveis, e se instaura sempre como uma alternativa ao que já está estabelecido e reconhecido. A filosofia como criação artística se encontra nesse "laboratorium de possibilis salutis", isto é nesse "laboratório de soluções possíveis", o que dá à estética de Bloch uma conotação otimista.

O pensamento que se compromete nesta perspectiva é definido pelo filósofo como "militantismo otimista". No campo da arte, trata-se de pensar a aurora de um novo dia, mais do que permanecer nesse presente imediato. Bloch explica isso com o provérbio latino "aurora musis amica" (a aurora amiga das musas).

Não é todos os dias que a aurora aparece para continuar com os sonhos diurnos. Por esta razão Bloch nos propõe sonhar com os olhos abertos para evitar um retorno ao passado; daí sua recusa de um certo tipo de psicanálise que se obstina demais sobre os lugares do passado.

Ele é particularmente crítico à idéia dos arquétipos de Jung e ele propõe no lugar dos grandes arquétipos reatualizados de humanidade tais como Hamlet, Don Juan, Don Quichote ou outros. O importante é sublinhar que sua proposição consiste na idéia que o real ainda não está concluído. O "ainda não" (noch nicht) deve ser sobretudo uma regra de criatividade afim que ela se instale em um espaço e um lugar abertos de possível para que o ser mesmo das coisas se torne uma antologia, um conceito em potência de ser.

Na base da estética de Bloch se encontra uma obra aberta, mas também o projeto não definitivo sobre as possibilidades do ser. Isto significa que todos os momentos não são propícios a fazer germinar a utopia concreta e podemos dizer isto utilizando uma metáfora simples mas sempre válida , que não é possível a todo momento e em todo lugar cantar "le temps des cerises".

O pensamento estético de Bloch pode, deste modo, nos dar uma aproximação mais concreta das obras presas pelas cronologias dos historiadores da arte que por

este mesmo método lhes retiraram o substrato utópico. Os arquétipos da humanidade como por exemplo Fausto, concerne assim o tempo presente a fim que ele se transforme um tempo forte.

Em limiar desta antecipação, o sujeito criador pode encontrar um sentido inédito na sua relação com o mundo e o mundo pode encontrar nele a possibilidade de acabamento. A beleza que resulta deste encontro é aquela a qual Dostoievsky revela em suas cartas "de noblesse" dizendo : "A beleza salvará o mundo" Não se trata de uma idéia romântica, mas de uma forma de força antecipadora do sujeito na procura de uma forma que ainda não foi concebida e de um conteúdo ainda não suposto no projeto artístico. É assim que os artistas podem encontrar a herança expressionista protegendo o sujeito contra todas as ideologias que procuram ocultar e apagar a reflexão filosófica.

O domínio da criação artística, não é expressionista no sentido de um retorno a um momento artístico datado, o qual, outrora, notemos de passagem, suscitou uma grande polêmica no contexto da filosofia de Luckas e Bloch, mas é um conceito "sui generis" que vai além dos conceitos estabelecidos.

A estética de Bloch nos propõe um arsenal conceitual novo que nos permite por vezes de sair das trilhas gastas e de propor às obras carregadas de utopia uma interpretação mais apropriada.

A filosofia de Bloch como sistema aberto e como contestação de todos os positivismos estabelecidos, nos permite no domínio da arte nos liberar das correntes de escravos do passado para caminhar em direção a aurora de um tempo melhor e em direção a um lugar ainda não conhecido com a ajuda da topologia dos sonhos em pleno dia.

Ele nos dá a possibilidade de estar entre os poetas do mundo que ainda não chegaram mas que permanecem nosso campo e nossa possibilidade de ser.

EVGEN BAVCAR é filósofo, escritor e fotógrafo de origem eslovena. Doutor em estética com tese sobre Ernst Bloch na Universidade de Paris I. Pesquisador do CNRS (Centre National de Recherche Scientifique) na França. Autor do livro "Memória do Brasil", Cosac&Naify, 2003, organizado por Elida Tessler e João Bandeira.